



Presença de práticas culturais e religiosas de matrizes indígenas e africanas no Norte e Nordeste do Brasil

The presence of cultural and religious practices of indigenous and African headquarters in Northern and northeastern Brazil

Ênio José da Costa Brito *

Resumo

Esta Comunicação objetiva apresentar dois trabalhos acadêmicos de Luis Cláudio Cardoso Bandeira. A dissertação de mestrado, intitulada *Entidades africanas em “troca de águas”:* *diásporas religiosas desde o Ceará*, apresenta a pesquisa sobre tradições africanas no Ceará. No doutorado, Bandeira trata de *Rotas e raízes itinerantes* e destaca veredas desafiadoras do diálogo entre história e religião. Participando das duas bancas, tive a oportunidade de perceber as nuances do caminho acadêmico percorrido por ele. Neste texto, faço memória dessas duas participações, sintetizando brevemente esses trabalhos realizados. Começo destacando, brevemente, uma das fontes importantes de Bandeira no doutorado: as pesquisas que Agenor Sarraf Pacheco tem realizado sobre *Memórias, Identidades, Saberes, Religiosidades letradas e de matrizes orais afroindígenas em circuitos da Amazônia*. Segundo Pacheco, para se conhecer a presença dos negros na Amazônia é fundamental investigar essa relação com as culturas e sabedorias indígenas.

Palavras-chave: Tradições africanas. Diásporas religiosas. Estudos culturais. História da África. Pensamento pós-colonial.

Abstract

This Communication aims to present two academic papers by Luis Cláudio Cardoso Bandeira. His Master thesis entitled “African Entities in “water exchange”: religious diasporas from Ceará”, presents the research on African traditions in Ceará. At the doctorate, Bandeira discusses the roots and traveling routes, thus highlighting the challenging paths of dialogue between history and religion. Being member of the board of doctorate and master's degree, I had the opportunity to understand the nuances of the academic path taken by him. In this communication, I do memory of these two participations, by briefly recapitulating the two academic papers by Luis Cláudio Cardoso Bandeira. I start by highlighting, briefly, one of the important sources of Bandeira on his doctorate: the research done by Agenor Sarraf Pacheco on “Memories, Identities, Knowledge and literate Religiosities of afro indigenous oral matrix within the Amazon circuits. According to Pacheco, in order to know the presence of blacks in the Amazon it is required an academic investigation on their relationship with the indigenous cultures and wisdom.

Keywords: African traditions. Religious Diasporas. History of Africa. Cultural studies. Postcolonial thought.

Comunicação recebida em 05 de Fevereiro de 2014 e aprovada em 19 de março de 2014.

* Doutor em Teologia. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. País de origem: Brasil. E-mail: brbrito@uol.com.br.

Introdução

A temática sobre tradições culturais e religiosas africanas tem sido objeto de muitas pesquisas. Não faltam experiências e legados a serem conhecidos e refletidos.

Com essa preocupação, especialmente em relação ao espaço amazônico, Agenor Sarraf Pacheco tem realizado investigações que revelam pioneirismo sobre *Memórias, Identidades, Saberes, Religiosidades letradas e de matrizes orais afroindígenas em circuitos da Amazônia*.¹ Sarraf abre inúmeras veredas que vêm sendo trilhadas por outros pesquisadores. Uma de suas posições é que a discussão sobre a presença negra na Amazônia só pode ser feita tendo como referência as culturas e sabedorias indígenas: “cosmologias de grupos de tradições orais, explicativas das múltiplas expressões de seus modos de vida praticados e compartilhados na Amazônia, apesar de pouco exploradas pelos estudiosos da diáspora, agenciaram significados de lutas culturais estabelecidas astuciosamente contra a dominação de suas artes, corpos e pensares [...]” (PACHECO, 2012a, p. 197).

Em sua tese de doutorado², esse autor pesquisa “fronteiras culturais, redes de sociabilidades e conflitos alinhavados por populações indígenas, africanas, mestiças em intermediações com grupos no poder desde o período colonial.” (PACHECO, 2009, p. 16). Essas questões e pesquisas de Pacheco são retomadas por Luiz Cláudio Cardoso Bandeira, especialmente em sua tese.

Nesta Comunicação analisarei apenas os dois trabalhos de Luiz Cláudio Bandeira: a dissertação de mestrado e a tese de doutorado.

¹ Para acesso às pesquisas de Pacheco indico: a Tese de doutorado (PACHECO, Agenor Sarraf. *Em El corazón de la Amazônia: identidades, saberes e religiosidades no Regime de Águas Marajoaras*. 2009. Programa de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; a dissertação (PACHECO, Agenor Sarraf. *À margem dos Marajós: memórias em fronteiras na nascente “cidade-floresta” Melgaço-PA*. 2004. Programa de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e alguns de seus artigos: PACHECO, Agenor Sarraf. A Encantaria Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In) tolerâncias Religiosas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.8, n.17, p. 88-108, abr./jun. 2010; PACHECO, Agenor Sarraf. Astúcias da Memória: identidades afroindígenas no corredor da Amazônia. *Tucunduba, Arte e Cultura em Revista* (UFPA), Belém, v. 2, n.1, p. 40-51, 2011; PACHECO, Agenor Sarraf. Cosmologias Afroindígenas na Amazônia Marajoara. *Projeto História* - Revista do Programa de Pós-Graduação de História da PUC-SP, São Paulo, n. 44, p. 197-226, 2012a; PACHECO, Agenor Sarraf. Os Estudos Culturais em outras margens: identidades afroindígenas em “Zonas de Contato” Amazônicas. *Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v.9, n. 3, p. 1-19. 2012b.

² A banca de doutorado de Agenor Sarraf foi composta pelos professores doutores, Maria Antonieta Antonacci (orientadora), Candi do da Costa e Silva, Martha Campos de Abreu, Ênio José da Costa Brito e Fernando Torres Londoño. A profª. Antonacci acompanhou o mestrado e doutorado tanto de Pacheco (2004-2009) como de Bandeira (2009-2013). No ano passado lançou importante texto intitulado: ANTONACCI, Maria A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2013, com segunda edição no prelo.

1 “Troca de águas”

Entidades africanas em “troca de águas”: diásporas religiosas desde o Ceará é o título de Dissertação de Mestrado de Luis Cláudio Cardoso Bandeira³. A dissertação apresenta uma pesquisa instigante sobre as tradições africanas no Ceará, desvelando laços identitários, historicamente construídos em “rotas e raízes”⁴ e apontando indícios de memórias e percursos trilhados por mães-de-santo e pais-de-santo que cruzaram o Atlântico Negro construindo pontes culturais e religiosas entre o Brasil e Portugal.

A obra é composta por três capítulos, precedidos de uma Introdução e seguidos das Considerações finais. O primeiro, intitulado *Do negro e suas culturas negadas no Ceará*, resgata a presença e a contribuição do negro na formação étnico-cultural do Estado do Ceará. “No processo de análise historiográfica e literária, acerca da presença e contribuição do negro e afrodescendentes, torna-se relevante enfrentar o esquecimento destes trabalhadores por suas consequências histórico-sociais, a fim de rejeitar a desqualificação sócio-racial dos afro-cearenses, que fomenta tendência de intolerâncias racistas”, sublinha o autor (BANDEIRA, 2009, p. 18).

As evidências documentais levantadas questionam a ausência, as representações estereotipadas dos negros e visualizam a sua presença nas mais diversas atividades e práticas culturais e apontam ainda para as suas múltiplas estratégias para conquistar espaços de lembranças e sociabilidade.

No segundo capítulo, *Histórias e memórias: identidades e religiosidades em “transes nacionais”*, o autor descreve o fluxo e o refluxo das religiões afrobrasileiras no Ceará como o Catimbó, a Macumba, a Umbanda e as roças de Candomblé.

³ Dissertação defendida no Programa de Pós Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no dia 30 de janeiro de 2009. A Banca examinadora foi composta pelos seguintes professores Dra. Maria Antonieta Antonacci (orientadora), Dr. Henrique Antunes Cunha Junior e Dr. Ênio José da Costa Brito.

⁴ A expressão “rotas e raízes” foi muito bem escolhida, pois, as raízes tinham um papel-chave nos rituais religiosos dos povos Kongo, especialmente, nos cultos de aflição. (PIROLA, 2011, p. 180-181).

Bandeira historiografa as casas fundadoras de Candomblé em Fortaleza: o Ilê Igba Possum Azeri, o Ilê Osun Oyeyé Ni Mo e o Ilê Oloyoba e mostra as trajetórias e as rotas de seus respectivos fundadores.⁵ Essas histórias pessoais, além de importantes em sua singularidade, contribuem para uma compreensão mais ampla de vivências coletivas e processos históricos complexos.

O terceiro capítulo, *Identidades e entidades atlânticas: tem Exu do lado de lá, tem Exu do lado de cá*, acolhe o desafio de aprofundar a compreensão dos fluxos, dos circuitos transatlânticos e as estratégias religiosas de difusão de crenças e ritos.

Descreve a chegada da Umbanda em Portugal, por intermédio de Mãe Virginia de Albuquerque, reverenciada como primeira mãe-de-santo de Umbanda portuguesa. Em seguida, relata minuciosamente a história dos terreiros de Candomblé: o Ilê Omo Orixá Kuitichina Oba, o Ilê de Xangô Obagado e do Ilê Palácio de Iemanjá. Histórias que se confundem com as trajetórias das fundadoras dos dois primeiros, Mãe Tina de Oyà e Mãe Mariana de Xangô e com a do Babalorixá João de Iemanjá.

Portugal conta hoje com inúmeros terreiros, que enfrentam os mesmos problemas que os de Fortaleza. Problemas internos, como disputa de poder e clientela, competitividade entre yalorixás e babalorixás; problemas externos como o forte preconceito contra as religiões afro-brasileiras.

Entidades Africanas em “troca de águas” é um estudo instigante e bem documentado, que faz memória do negro, de sua presença e de suas práticas culturais, configuradas como lugares de memória atualizadas e celebradas.

A opção de mover-se na esfera dos estudos culturais numa perspectiva comparativa, possibilitou ao autor constatar que a construção de identidades religiosas no âmbito das religiões de matrizes afro se dá num processo de constante negociação, de “troca de águas”. Demonstração clara que culturas, histórias e religiosidades nunca são estáticas no tempo e no espaço. Para Bandeira, “as religiões afro-brasileiras, com seus orixás, inquices, voduns e caboclos são

⁵ O site www.oriaxe.com.br traz imagens de algumas Yalorixás importantes.

itinerantes e estão em trânsito e em “transes diáspóricos inimagináveis” (BANDEIRA, 2009, p. 137).

Percorrer com o autor os circuitos diáspóricos, que se espraíram e se espraíram em trânsitos nacionais e transatlânticos, é uma aventura que fascina, enriquece e comove. Esse fascínio se amplia no texto do doutorado, com uma leitura enriquecida das fontes, graças ao conhecimento prévio adquirido pelo autor durante os anos de estudos. Conhecimento confirmado pela conaturalidade com o tema, demonstrada por Bandeira na arguição ocorrida na banca de doutorado.

2 Rotas e raízes

Rotas e raízes de ancestrais itinerantes é o título da tese de Doutorado⁶, antes de comentá-la farei breves realces, para em seguida revisitar os quatro capítulos, retomando o conteúdo dos mesmos e tecendo comentários.

O leitor tem em mãos uma tese corajosa, que encara as veredas desafiadoras do diálogo História–Religião, veredas afro-luso-amazônicas ainda pouco freqüentadas por historiadores. Envolvendo um volume significativo de pesquisa bibliográfica e de campo, a pesquisa exigiu um trabalho constante e paciente por parte do autor, com visitas a arquivos nacionais e internacionais e entrevistas realizadas em lugares diferentes.

Uma característica marcante do trabalho de Bandeira é ter elaborado uma tese generosa, pois não só ofereceu dados como abriu pistas para futuros pesquisadores. Várias intuições permanecem abertas e merecem ser aprofundadas e mais exploradas em estudos futuros.

A paixão se faz presente na escrita da tese. Bandeira anota o que viu, ouviu, cheirou, apalpou e provou seguindo rotas e raízes itinerantes. Lentamente, nos relata uma travessia em que os aspectos objetivos e subjetivos se misturam e recriam configurações inesperadas.

⁶ Tese defendida no Programa de Pós Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no dia 03 de junho de 2013. A Banca examinadora foi composta pelos seguintes professores Dra. Maria Antonieta Antonacci (orientadora), Dra Vilma Maria do Nascimento, Dr. Kabengele Munanga, Dr. Amailton Magno Azevedo e Dr. Ênio José da Costa Brito.

A dinâmica analítica da tese está ancorada numa dupla percepção do que nos ocorre “nas zonas de contato”⁷. Primeira, de como a documentação oficial se refere a momentos ou processos que são produzidos na articulação, no entrelaçamento de diferenças culturais. Percepção presente nos capítulos primeiro e segundo. Segunda, de como as novas fontes de pesquisas que pretendem dar vozes aos subalternos, isto é, como pesquisas históricas mais recentes sob um olhar mais empático, e como o discurso direto obtido mediante as entrevistas realizadas pelo autor se contrapõem às fontes oficiais/oficializadas que constituem o “saber oficial” sobre as práticas afro-indígenas amazônicas. Percepções que se fazem presentes no terceiro e quarto capítulos.

3 Revisitando a travessia

No primeiro capítulo, intitulado *Religiosidade e a cura em circuitos afro-luso-amazônicos* (p. 33-89), o autor retoma e aprofunda uma questão por ele levantada já no mestrado: necessidade de se questionar a invisibilidade social e oficial em relação ao indígena e ao afrodescendente, referindo-se ao contexto cearense e amazônico⁸.

Para tanto, propõe resgatar as práticas de cura, núcleo da tese. Pode-se falar em uma “solidariedade dos subalternos”, organizadora de práticas e estratégias de resistência. Estas se expressam na constituição de famílias inter-étnicas (afro-indígenas), na constituição de comunidades quilombolas, que excedem a visão tradicional das mesmas como formadas exclusivamente por escravos fugidos e no reconhecimento da atuação social dos indivíduos e grupos desprestigiados, colocando em questão o apassivamento e a negatividade atribuídos a estes pelo discurso oficial/oficializado.

Esses mesmos discursos, embora produtores/reprodutores de preconceitos, também registram, ainda que de maneira distorcida ou ideologizada, as práticas e conhecimentos que pretendem desconsiderar e condenar.

⁷ Conceito proposto por Mary Louise PRATT em *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, assim descrito: “Espaços de encontros coloniais, no qual pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada” (PRATT, 1999, p.30-31).

⁸ Ver SAMPAIO, 2011. Os textos procuram romper o silêncio persistente com relação à presença negra no Amazonas.

Desse modo, o capítulo oferece uma contextualização das condições de troca – sintetizada na imagem da “troca das águas” – econômicas, sociais e práticas e, sobretudo, simbólicas que permitiram a constituição dos saberes e fazeres de cura que reorganizam imaginários e religiosidades de matrizes africanas e indígenas.

Duas categorias entre outras se destacam neste capítulo rico de informações: memória e identidade. Encontram-se no texto inúmeras referências à memória, como “memórias de rituais”, “rastros de memória”, “resíduos de memória” entre outras. As expressões se multiplicam. O autor poderia passar da constatação da presença da memória para uma explicitação da sua importância e significado nos processos vividos pelos diversos atores sociais.

Quanto ao conceito de identidade, o autor não deixa de constatar a sua complexidade no universo amazônico pela multiplicidade de suas formulações. A temática da identidade é discutida mais amplamente no capítulo segundo, quando relembra que “em contexto de negociação de identidades e confronto de visões de mundo, nações indígenas e africanas, buscando burlar intolerâncias e controles, refizeram espaços do sagrado” (PACHECO, 2010, p. 90 *apud* BANDEIRA, 2013, p. 85). A reincidência dos conceitos pede uma explicitação maior dos mesmos e em que sentido estão sendo empregados, o que facilitaria a compreensão dos leitores.

Nesta mesma página (85), diante da intolerância e do forte controle das autoridades, afirma na esteira de Stuart Hall, recorrendo à categoria da “diferença cultural”, que os filhos da África “produziram reflexões que tinham em mente que ‘as culturas, concebidas não como ‘forma de vida’, mas como ‘forma de luta’ constantemente se entrecruzam: as lutas culturais relevantes surgem nos pontos de intersecção” (HALL, 2006, p. 260 *apud* BANDEIRA, 2013).

Bem antes, referindo-se aos cativos cearenses, encontra-se uma afirmação que apesar de longa merece ser retomada:

Estando presentes em todas as vilas cearenses, nas mais diversificadas atividades, tais como vaqueiro, pescadores, jangadeiros, costureiras, rendeiras, fiandeiras, vendedoras, curandeiros, erveiros, cantadores, instrumentistas e escravos de ganho em geral, pessoas de ascendência indígena e africana romperam e continuam rompendo com as ideias a que foram submetidos pelo pensamento ocidental moderno. Fazendo-se presentes e empreendendo ações que visavam e continuam visando à

conquista de espaços, e à legitimação de direitos nos mais diferentes setores da sociedade, contribuem com elementos próprios de suas culturas ancestrais. Isso, nas mais diferentes expressões artísticas, religiosas que, ainda hoje, fazem e refazem o cotidiano de populações afro-indígenas cearenses (BANDEIRA, 2013, p. 58).

A passagem desvela e sintetiza a intencionalidade que norteia a feitura de *Religiosidade e a cura em circuitos afro-luso-amazônicos*.

O segundo capítulo, *Circuitos de cura: intolerâncias e conflitos na confluência de crenças e saberes* (p. 90-141), realiza uma ampla análise dos mecanismos de controle institucional (político, científico, religioso e policial) do fenômeno do “curandeirismo” pelas autoridades católico-portuguesas.

Esses mecanismos oficiais de controle, ao mesmo tempo que pretendiam submeter e “vigiar e punir” as práticas e saberes subalternos estabelecendo pares oposto: religião-superstição, médico-curandeiro, registravam na documentação oficial (incluída a religiosa) e policial, também na narrativa jornalística, essas práticas e esses saberes perseguidos e condenados.

Enfrenta-se mais uma vez a questão de que o conhecimento produzido sobre as práticas de cura afro-indígenas (e as condutas sociais a elas relacionadas) foram elaboradas desde o ponto de vista das instituições e dos grupos dominantes.

Entre os agentes de cura, procurados pela população e enumerados na tese, estão: benzedeadas, curadores, ervateiros, parteiras, pajés, sangradores, pais e mães de santo entre outros. Encontramos no texto referências a Pajé Amélia Rosa do Maranhão (p. 134 e seguintes), a Mestre Veridiano que gozava de grande popularidade entre a população local (p. 139) entre outros.

Informações, que me levam a recolocar questões relacionadas com a cosmovisão do Pajé. Como entendê-lo: como um expert religioso não teria uma tarefa funcional mais ampla do que a da cura? No fundo, qual é o seu papel no sistema cultural? Pois, o Pajé é alguém que dá passagem aos encantados; tem um profundo respeito à ordem natural e entra em contato com o “mundo do fundo”. Sua cosmovisão integra de maneira indissolúvel natureza e cultura.

Integração que nos lembra uma consideração de Michel Serres, no *Contrato natural*, quando afirma que ao longo da história ocidental, concebeu-se a natureza sempre idealizada, separada da história humana. Quando separadas, elas

perdem sua materialidade e também seus significados. Assim, a história passa a ser interpretada sem a materialidade da ação, sem um espaço real e a natureza se transforma em uma invenção do pensamento e em conceito abstrato (SERRES, 1990).

O capítulo terceiro intitula-se *Universo de saberes mágicos-religiosos: cura em encantarias afro-indígenas* (p. 142-186)

A intencionalidade do capítulo é investigar o “brinquedo” de cura; o lento constituir-se da encantaria maranhense, com sua constelação de encantados; examinar a cura no Tambor da Mata de Codó e o sebastianismo presente na Ilha de Lençóis. Acolhe, também, o desafio de compreender a visão de mundo, os rituais presentes na encantaria marajoara, com suas crenças e práticas de cura presentes na pajelança paraense.

O fio terra do capítulo é o relato de vida de babalorixás, yalorixás, pais e mães de santo; a autor procura extrair desses relatos: o contato com as religiões afro-indígenas, a permanência deles nos terreiros e as curas operadas nos terreiros cearenses, maranhenses e paraenses.

A leitura do capítulo proporcionou-me um entendimento mais matizado das respostas dadas a algumas questões ao longo da tese: Como entender a cura? Como apreender a capacidade transformadora das práticas mágicas religiosas? Como as camadas populares percebem as doenças? O ponto de partida do autor para analisar as curas é o respectivo micro contexto cultural da medicina tradicional, com seu discurso específico, baseado nas experiências cotidianas. A sua capacidade transformadora fundamenta-se nesta ligação com o respectivo dia-a-dia.

Três temas foram objeto de reflexão ao longo da leitura do terceiro capítulo: a cultura ribeirinha, a tensão entre a medicina tradicional e a medicina oficial e a pajelança.

Com relação à cultura ribeirinha, pensei no desafio para compreendê-la: como um conglomerado arbitrário de diversas partículas culturais ou como um conjunto de unidades interligadas, que dão sentido à existência de homens e mulheres no meio natural e humano da Amazônia?

Tendo presente o entrelaçamento vital de natureza e cultura para os habitantes da região, o tema da água aflorava a cada momento, pois ela é o elemento definidor da cultura dessas populações ribeirinhas.

Trabalhando no supletivo de um colégio no Rio de Janeiro na década de 1970, ficava sempre impressionado quando nas primeiras aulas pedia aos alunos para se apresentarem. Inúmeras vezes ouvi expressões como estas: “eu nasci no Solimões”, “casei-me no Rio Negro”. Respostas reveladoras do quanto o regime das águas faz parte da vida das pessoas (PACHECO, 2009)⁹.

Ao pensar nas relações entre medicina tradicional e medicina oficial, não se pode deixar de colocar a questão da hegemonia atual da medicina oficial. Com frequência, se esquece que a hegemonia da medicina oficial é um fenômeno recente no Brasil, pois durante todo período colonial prevaleceu a medicina tradicional. Esta criou, empregando os mais diversos processos (aculturação, ressignificação etc) entre a tradição ibérica de um lado e as tradições indígenas e/ou africanas do outro, sistemas de práticas terapêuticas populares, regionalmente diferentes e semelhantes.

A medicina empírica ocidental só se tornou hegemônica no século XIX, momento no qual ela apropriou o papel de definir a doença e ainda tinha nas mãos os instrumentos de intervenção. O texto gradualmente revela a tensão entre a “eficácia empírica” e a “eficácia simbólica”.

Com relação à pajelança, tão presente no capítulo, Bandeira deixa mais claro ser ela fundamental no sistema cultural ribeirinho, pelo fato ser capaz de ler as relações entre natureza e cultura, estar voltada para a comunidade e responsabilizar-se pelo tratamento das doenças. Pode-se afirmar seguramente que: ao longo do processo de conquista, a pajelança “ofereceu” um espaço social de relativa autonomia ao preservar saberes e fazeres em especial no âmbito terapêutico.

O quarto capítulo, *Povo de Cura em ‘trocas de águas’: terapêutica medicinal e religiosa*, nas palavras do autor, “busca compreender as diferentes puçangas que curam e cortam o mal, através da utilização de folhas, raízes, cascas e

⁹ A Tese de Pacheco, 2009 desvela as profundas relações entre natureza e cultura na região amazônica.

ervas. E a atuação e práticas curativas de diferentes agentes tradicionais de cura através de fitoterapia que vem dos rios e florestas, em heranças ancestrais nas práticas de partejo através das *parteiras de dom*". (BANDEIRA, 2013, p. 32)

Entre os méritos do capítulo enumero: o de resgatar os valores ancestrais da tradição, revelado no conhecimento das propriedades intrínsecas das folhas ("ewé"); resgatar a importância atribuída ao conhecimento e prática no manuseio das diversas folhas, raízes, sementes e demais produtos vegetais que compõem o universo regulado por Osain.

O mérito, ainda, de inserir-se no universo do "povo de cura" e perceber a fantástica criatividade presente em suas vidas, que o leva a bricolar as mínimas informações recebidas para construir conhecimentos específicos a respeito das propriedades terapêuticas e religiosas do mundo vegetal, animal e mineral. Enfim resgatar espaços de singular resistência cultural

Bandeira, no contato com as práticas e os discursos do "povo de cura", dos "agentes tradicionais de cura", percebeu a delicada nervura da vida de homens e mulheres que no cotidiano são capazes de produzir suas vivências, estabelecendo relações sócio-políticas, culturais e religiosas. As relações religiosas possibilitam experienciar o sagrado na vida.

Experiência acalentada pela alegria, pelas cores e cheiros de um mundo que se refaz a cada dia nos mais diversos espaços, em especial nos Mercados espalhados por todo o território nacional (p.196). Espaços de intensa circulação de pessoas, saberes e fazeres, território onde ocorrem trocas entre as diversas identidades grupais.

A leitura dos depoimentos colhidos deixa entrever que erveiros e erveiras se articulam em torno de determinadas palavras, diríamos determinados conceitos para construir suas próprias imagens da vida, do amor e da religiosidade (FALCÃO, 2002) ¹⁰.

Bandeira na tese deixa entrever nas entrelinhas a presença do sistema interestadual moderno do liberalismo político, interessado em modernizar a

¹⁰ O autor (FALCÃO, 2002), resgata a história do Mercado de Madureira. Olha o mercado através das lentes de erveiros e erveiras, procurando entender a experiência do sagrado realizada por eles e as múltiplas relações pessoais tecidas no dia a dia.

sociedade brasileira. Vetor que atuou surdamente nos debates políticos da época e que ajuda no entendimento das dinâmicas sociais vividas pelas populações subalternas.

Dinâmica política que na sua essência permanece atual, daí a preocupação que se faz presente ao longo da leitura. Qual a possibilidade de continuidade, permanência desses saberes e fazeres amazônicos frente aos processos de urbanização e desenvolvimento sócio-econômico?

A história tem mostrado a permanência de expressões culturais subalternas, que com extraordinária capacidade de deslocamento (*glissement*) continuam resistindo e recriando seus saberes e fazeres.

Observações finais

Os dois textos de Luis Cláudio Cardoso Bandeira elegem para estudo saberes e fazeres luso-afro-indígenas em circuitos diaspóricos. *Entidades africanas em “troca de águas”* volta-se para a presença de tradições africanas no Ceará, tradições que cruzando o Atlântico estabeleceram pontes entre Brasil e Portugal. *Rotas e raízes de ancestrais itinerantes* retoma questões relativas à religiosidade associadas às injunções de rituais e matrizes culturais africanas e indígenas no Norte e Nordeste Brasileiro.

O autor recorre aos estudos culturais, particularmente à importante pesquisa de Agenor Sarraf Pacheco, para uma primeira aproximação desse rico universo cultural-religioso. O resultado dessa ampla pesquisa bibliográfica e de campo pode ser apreciada pelo leitor ao visitar os inúmeros circuitos luso-afro-amazônicos apresentados pelo autor. O leitor se surpreenderá a cada nova vereda trilhada.

As pesquisas não só apontaram para a capacidade de preservar tradições e espaços culturais por parte de curadores, pajés, babalorixás, yalorixás, benzedores e erveiros, mas desvelaram seus significados atuais.

Revisitar esses circuitos luso-afro-amazônicos é surpreender-se com o tecido cultural brasileiro tão rico e tão pouco conhecido. Bandeira tem consciência de que o caminho da descolonização de saberes e fazeres é longo e árduo, como nos

relembra a linguista canadense Mary Louise Pratt; “A descolonização do conhecimento e da mente é uma tarefa incrível, na qual intelectuais e artistas devem permanecer como colaboradores durante gerações” (PRATT, 1999, p. 16).

REFERÊNCIAS

- ANTONACCI, Maria A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2013.
- BANDEIRA, Luis Cláudio. **Entidade africanas em “troca de águas”**. 2009. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós Graduação em História Social, São Paulo.
- BANDEIRA, Luis Cláudio. **Rotas e raízes de ancestrais itinerantes**. 2013. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós Graduação em História Social, São Paulo.
- FALCÃO, Vladimir. **Ewé, Ewé Ossain**. Uma experiência do sagrado. Rio de Janeiro: Barroso Edições; Ilu Ayé, 2002.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO, 2006.
- PACHECO, Agenor Sarraf. A Encantaria Afroindígena na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In) tolerâncias Religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr./jun. 2010.
- PACHECO, Agenor Sarraf. **À margem dos Marajós: memórias em fronteiras na nascente “cidade-floresta” Melgaço-PA**. 2004. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- PACHECO, Agenor Sarraf. Astúcias da Memória: identidades afroindígenas no corredor da Amazônia. **Tucunduba, Arte e Cultura em Revista (UFPA)**, Belém, v. 2, n. 1, p. 40-51, 2011.
- PACHECO, Agenor Sarraf. Cosmologias Afroindígenas na Amazônia Marajoara. **Projeto História** - Revista do Programa de Pós-Graduação de História da PUC-SP, São Paulo, n. 44, p. 197-226, 2012a.
- PACHECO, Agenor Sarraf. **En el corazón de la Amazônia: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras**. 2009. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- PACHECO, Agenor Sarraf. Os Estudos Culturais em outras margens: identidades afroindígenas em “Zonas de Contato” Amazônicos. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 9, n. 3, p. 1-19. 2012b.
- PIROLA, Ricardo Figueiredo. **Senzala Insurgente: malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. v. 1.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- SAMPAIO, Patricia Melo (Org.). **O fim do silêncio**. Presença negra na Amazônia. Belém: Editora ACAÍ/CNPq, 2011.
- SERRES, Michel. **O contrato natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.